

Relato de Pesquisa – Homoafetividade: testemunhos e desafios dos que escolheram viver à margem

Adina de Souza Pereira; Lorena Isabelli Pedrosa Mesteri¹
(orient.: Everaldo Rodrigues de Moraes²; co-orient.: Alexandre Medeiros³)

Resumo: Este ensaio nasceu de nosso interesse em aprofundar sobre a temática e de nossa indignação contra o preconceito, que nos conduziram a caminhos de busca e reflexão sobre homoafetividade e seus desafios, recolhendo testemunhos, alguns de entrevistas por nós realizadas.

Palavras Chave: Homoafetividade. Homossexualidade. Identidade de Gênero. Amor

Abstract: This essay was born out of our curiosity about the subject and of our indignation against prejudice. This indignation led us to explore unsuspected paths of reflection on homoaffectiveness and its challenges, based on some stories and witnesses.

Keywords: Homoaffectiveness. Homosexuality. Gender Identity. Love.

Introdução

“O dia em que deixarmos de nos indignar, estamos mortos. Continuemos nos indignando”⁴.

Iniciamos nossa pesquisa desejando escrever sobre o amor, mas no desenrolar dos estudos, pesquisas e debates, decidimos focar no amor homossexual. Como estudantes da educação básica, vivemos no dia a dia a realidade da descoberta sexual em nosso meio, que envolve o despertar do amor nas mais diversas formas. Nessa busca, um referencial importante é a tese do pesquisador André Musskopf, que realizou alentada pesquisa de doutorado sobre a homoafetividade. Sua obra irá nos fornecer o arcabouço teórico para desenvolvermos este ensaio sobre história e relatos da homossexualidade no Brasil e seus desafios. Do filósofo Josef Pieper, recolhemos algumas reflexões sobre o amor. O texto dialogará também com João Guimarães Rosa, em cuja obra encontramos uma poética do amor.

Naturalmente, as entrevistas que recolhemos de outras fontes foram devidamente aprovadas pelos competentes Comitês de Ética. Também apresentamos alguns relatos de amigos nossos, que foram transcritos na íntegra, e serão indicados nas notas como depoimento recolhido pelas pesquisadoras.

¹ Alunas do 9º. Ano do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br –

² Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC;

³ Pós-doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP;

⁴ Sentença de Paulo Freire (arquivo de comunicação oral colhida a partir de relatos de pessoas que com ele conviveram). O Prof. Dr. José Jackson Reis dos Santos apresentou algumas entrevistas e falas de Paulo Freire na sua conferência: “Paulo Freire em países africanos (1971-1980): marcas, aprendizados e processos educacionais”, Mesa 2 - XI Simpósio de Pós-Doutorado da FEUSP, agosto/2021;

Homoafetividade no Brasil: breve nota histórica

É interessante pensarmos que no Brasil, a homossexualidade era vivida naturalmente entre os povos nativos e só passou a ser combatida a partir do processo de colonização, que trouxe para esta livre terra, o calor da fogueira inquisitorial para os homossexuais, sodomitas como eram chamados de modo estigmatizante (MUSSKOPF, 2012, p. 136-137).

Mesmo com a perseguição aos homossexuais naqueles tempos da colonização, “o amor venceu” (GASPARETTO, 2004), para usarmos o título de um livro muito conhecido. Segundo André Musskopf, mesmo com o risco da repressão da Inquisição no Brasil “o amor homossexual foi mais forte do que a morte” (2012, p. 138).

No século XIX, como aconteceu em outras partes do mundo ocidental, no Brasil a homossexualidade passou a ser vista como patológica, doença passível de tratamento e cura (MUSSKOPF, 2012, p. 138).

Como se não bastasse a intervenção médica, no mesmo século XIX, a homossexualidade passou a ser também caso de polícia. Portanto, verificamos uma “aliança entre medicina e poder policial” (MUSSKOPF, 2012, p. 138).

Essa visão de homossexualismo como doença é encontrada em 1889 (República Velha), mas ainda presente entre 1930 e 1945 (Governo Vargas), no qual encontramos esforços para *curar* os homossexuais (MUSSKOPF, 2012, p. 139).

Ainda de acordo com André Musskopf, só na década de 1970 é que as Ciências Sociais começam pioneiristicamente a questionar essa visão, inclusive com o acréscimo do debate na década de 1980, por conta do crescimento dos grupos feministas e homossexuais, encontrando um país sedento por abertura democrática e liberdade (2012, p. 139-140).

O debate segue ao longo dos anos de abertura política e vai se intensificar no final dos anos 80 e início dos anos 90, quando a AIDS voltou a focar nos homossexuais mais uma vez, agora discriminados como “os disseminadores” do vírus mortal (MUSSKOPF, 2012, p. 142).

A grande surpresa começa a acontecer, quando mulheres hétero, casadas, fiéis a seus maridos, começam a se tornar portadoras do HIV. E assim, o vírus acabou possibilitando a criação de diversas ONGs que buscavam debater, ajudar e instruir as pessoas, para que não houvesse preconceitos contra os homossexuais (MUSSKOPF, 2012, p. 142).

As fronteiras tão cuidadosamente demarcadas pela sociedade sadia, tendem a se tornar mais borradas: quem é homossexual, quem não é? Em outras palavras, a epidemia do vírus HIV revelou a instabilidade (ou seria a ambiguidade?) colossal do desejo (MUSSKOPF, 2012, p. 142).

Quando chegamos em 1997, nos deparamos com a primeira *Parada Gay* em São Paulo (MUSSKOPF, 2012, p. 143). Este momento talvez que marca o encorajamento para expor livremente a orientação sexual.

Segundo Michel Nahas Filho⁵,

⁵ Reverendo Michel Nahas Filho é Mestre nas Artes em Religião, Mestre em Saúde Pública em Sexualidade Humana e Ministro ordenado pela United Church of Christ.

A relação homossexual hoje é uma relação entre iguais, entre pessoas que possuem a mesma identidade sexual, que se veem como pessoas normais numa relação consensual, entre pessoas com a mesma atração e interesses sexuais (NAHAS, 2015, p. 95).

O fato é que não podemos mais fechar nossos olhos e ouvidos. O tema hoje exige o debate. Até mesmo as instituições já reconhecem essa relação.

No Brasil, a união estável homoafetiva foi reconhecida em maio de 2011 pelo Superior Tribunal Federal (STF) e pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Com esta decisão os cartórios passaram a realizá-la, bem como convertê-la em casamento civil (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1788).

Homoafetividade no Brasil: alguns relatos

Contar para os meus pais foi uma experiência dolorosa, porém libertadora⁶.

Talvez o momento da descoberta e revelação da homossexualidade seja o mais impactante nesse processo. Nas áreas da psicologia e da psicanálise, já encontramos estudos sobre esse momento. Surgem “investigações acerca do processo de revelação da orientação sexual homossexual” (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1789). Isso nos move a escutar os que vivem ou viveram esse processo.

Sendo assim, recolhemos alguns testemunhos de jovens que se descobriram homossexuais, ainda na adolescência. Naturalmente, ao tratarmos de um tema tão íntimo, decidimos não expor os nomes desses (as) jovens que colaboraram com nosso estudo.

Basicamente me descobri gay com 14 para 15 anos, e comecei a esconder isso com medo das pessoas e principalmente da minha família. Todos desconfiavam, mas não tinham certeza. Aí teve um dia que contei para minha mãe. Meu pai até hoje finge que não sabe, mas eu sei que meu tio já conversou com ele sobre isso. Na escola, eu era assumido, até por isso conquistei o respeito, afinal era um dos poucos que tinha coragem para assumir. Então na escola eu me assumia, mas em casa me escondia. Sofri preconceito até os meus 18 anos, depois parece que diminuiu um pouco. Mesmo assim, às vezes, passo por situações chatas e desagradáveis nas ruas. Algumas pessoas quando vou sentar ao lado delas no metrô ou ônibus, se levantam e saem de perto de mim⁷.

Uma coisa é pensarmos nos homossexuais celebridades, bem sucedidos, que estão na mídia, que frequentaram escolas e universidades estreladas, que trabalham em instituições abertas e “descoladas”. Outra coisa é pensarmos nas pessoas reais e em seu cotidiano. Algumas pesquisas apontam que aproximadamente 80% dos homossexuais têm dificuldades em encontrar empregos formais com carteira assinada. Grande parte desta multidão de homossexuais desempregados, está nas periferias das

⁶ Depoimento de uma ex. aluna do Júlio Verne, L.R.C. que decidiu contribuir com nossa pesquisa.

⁷ Depoimento de um conhecido das pesquisadoras.

grandes cidades. Muitos, por falta de opção, irão se prostituir para conseguir sobreviver (GLOBO, 2014).

Fábio Alexandre Bezerra

Tenho 32 anos de idade, mas eu digo que tenho 30 (risos). Eu sou um ator transformista [...] Eu sempre contei tudo para minha mãe e desde os meus 14 anos ela sabe que sou gay. Mas, por causa da forma como eu falei, quando eu contei, ela me deu um soco na boca [...] Quando eu tinha uns 16/17 anos [...] comecei essa coisa de show [...] Também tinha tentado vestibular e não consegui passar [...] Danúzia Summer [...] me convidou para morar na casa dela, num apartamento bem pequenininho lá na Luz [...] Consegui trabalhar numa rua chamada Nestor Pestana, que fica no centro de São Paulo [...] numa boate chamada Scorpion. De lá eu ia para o Vagão, e do Vagão para o Coquetel [...] Aí eu comecei a trabalhar também no Quilt [...] Eu sempre ajudei minha mãe enviando dinheiro. Eu acho que é algo natural, que não é obrigação, que faz parte [...] Eu decidi voltar [para Recife], não quero mais essa coisa de viver sozinho (in MUSSKOPF, 2012, p. 359-374).

Júlio Cezar de Paula

Nasci em São Leopoldo e minha infância foi normal [...] Fui batizada na religião católica, fiz a primeira comunhão, a crisma. Nessa época eu ainda era menininho, mas eu acho que eu já tinha alguma característica homossexual [...] Com treze anos eu descobri que era homossexual, que tinha tendências. Mas como eu era criança escondia [...] Quando eu tinha 18 anos de idade meus pais decidiram voltar para a sua cidade natal e eu resolvi ficar. Apenas depois disso eu assumi que era gay [...] Aos 27 anos eu comecei a construir a minha identidade feminina e resolvi transformar meu corpo, minha aparência [...] A primeira vez em que eu me travesti de mulher eu me senti bem e me gostei [...] Eu não tomo hormônios, eu não tenho intenção de fazer a cirurgia de reversão sexual. Eu acho que é uma mutilação [...] Agora já faz 10 anos que trabalho como cabeleireiro. Para travesti a questão profissional é muito complicada [...]

Meu maior medo era meu pai. Mas a educação que ele me deu foi tão valiosa, o amor dele por mim é tão grande, que não foi difícil para ele me aceitar [...] Hoje em dia a gente brinca normalmente sobre a questão de eu ser homossexual. Quando eu acordo de mau humor ele diz: a bicha está atacada hoje, não se mete com ela [...] Por tudo isso eu aprendi a amar muito o meu pai e agora não tenho vergonha de abraçar e beijar ele, pois ele também não tem vergonha. A convivência com minha família, na verdade, sempre foi muito boa. Mas melhorou 200% depois que eu revelei que sou homossexual e adotei uma imagem feminina (MUSSKOPF, 2012, p. 375-384).

Suelci Fontana

Vulgo Lolita Boom-Boom, tenho 35 anos [...] A minha infância foi mais ou menos normal, tirando os percalços de um jeito um pouco afeminado, o que sempre traz alguns transtornos para a criança e para o

adolescente [...] Aos 15 anos eu conheci [...] meu primeiro namorado [...] Com ele assumi minha sexualidade. Até então a minha família não sabia de nada. No começo foi um pouco difícil para eles, mas hoje em dia já aceitam normalmente [...] Durante todos estes anos eu também sempre tive sonho de fazer uma Parada Gay em São Leopoldo [...] Em 2005 eu lancei a ideia [...] Eu não queria fazer uma Parada Gay para botar as bichas na rua para dar clone para as outras pessoas. Eu queria fazer uma Parada Gay para mostrar para o público hétero que a gente é um público alegre, feliz e educado. Eu queria fazer uma Parada educativa [...] Lolita [...] apresentou a Parada [...] Lolita Boom – Boom [...] Com todas estas transformações e com a exposição na Parada, a Lolita passou a ser praticamente um símbolo sexual [...] Eu não passo Ano Novo, Natal, aniversário, com a minha família há quase vinte anos (MUSSKOPF, 2012, p. 389-398).

Essas histórias têm vários aspectos em comum com as de muitos em nosso país. Homossexuais que surgem nas periferias das cidades e vivem nas margens desta sociedade. Não são aceitos. Pouquíssimos homossexuais vivem vidas glamourosas e bem sucedidas. A grande maioria enfrenta o preconceito e a discriminação da família e da comunidade em que vivem (GLOBO, 2014).

[...] muitas vezes, não têm plano de saúde, não têm documentos, não têm casa própria, carteira assinada e fundo de garantia por tempo de serviço; começam e recomeçam suas vidas constantemente, vivem e praticam uma religiosidade fluida, misturada; inventam, criam e recriam formas de sobreviver, de fazer dinheiro, de organizar e dar sentido a suas relações afetivas; tem sonhos, esperanças e muita pressa (MUSSKOPF, 2012, p. 404).

Depois de estudarmos a história e algumas histórias, fica claro que são pessoas corajosas que decidem ser o que querem ser: livres! Segundo Nancy Cardoso Pereira⁸:

Serei uma santa, serei cavalo, uma buganvílias! Líder sindical! Serei velha com asas! Serei homem e mulher: serei o que quiser! Serei invisível! Serei cega vidente! Sonâmbula! Um bicho! Enxergarei no escuro! Serei advogado padre camelo! Serei luminescente! (in MUSSKOPF, 2012, p. 404-405)

Homoafetividade no Brasil: simplesmente *amor*

Alice tem 44 anos e Helena tem 37anos.

Helena, por sua vez, disse que Alice havia chamado sua atenção, mas que nunca havia estado em um relacionamento com outra mulher. Alice se movimentou para que elas ficassem sozinhas em um destes

⁸ Possui graduação em Teologia - Faculdades Integradas Benett (1987), graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2002), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1992) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998); Pós Doutora em História Antiga na UNICAMP; Assessora de formação da Comissão Pastoral da Terra.

encontros e Helena explicou que naquele momento resolveu se entregar ao que estava sentindo. Helena estava inserida em um relacionamento heterossexual antes de conhecer Alice e relatou que o início da relação das duas foi para ela a sensação de “entrar em outro universo” (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1793).

Miguel tem 34 anos e Vicente tem 31 anos.

Sobre o início do relacionamento, Vicente relatou que se mostrava mais resistente, demorando para assumir seus sentimentos. Já Miguel havia tido dificuldades em aceitar que estava gostando de Vicente, por nunca ter estado em um relacionamento homoafetivo: A gente é gay desde quando a gente nasce, mas às vezes você reluta (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1794).

Bernardo tem 27 anos e Ícaro tem 29 anos.

Quanto ao histórico do casal, Bernardo e Ícaro estavam juntos há oito anos e haviam se visto pela primeira vez na rua, quando Bernardo tinha por volta dos 15 anos e Ícaro 17, época em que moravam em cidades vizinhas. Reencontraram-se 4 anos mais tarde, em uma rede social, tendo trocado telefone e ficado juntos desde então. Sobre a escolha de parceiro, Ícaro afirmou que foi se identificando: “A princípio foi a personalidade dele que me atraiu... O jeito que ele me tratava...”. Já Bernardo disse que foi amor (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1792).

Não cabe aqui uma análise filosófica do enormemente complexo tema do amor, mas somente algumas notas que sejam úteis para nosso artigo. Pieper faz notar o fato de que a palavra “amor” é tão abusivamente empregada, que é até constrangedor usá-la:

É verdade que este constrangimento pelo qual talvez nos sentíssemos tentados a não abordar o tema amor, se situa no âmbito dos gostos e das impressões. Mas quando, apesar de tudo, nos decidimos a falar sobre o amor – esta palavra, amor, tantas vezes mal conceituada e de tantas formas deturpada –, percebemos então a imensa dificuldade inerente a esse assunto, a dificuldade que reside na incomensurabilidade simplesmente arrebatadora do próprio objeto (PIEPER, 1992, p. 253).

E ajunta que as línguas clássicas dispõem de um amplo léxico para as muitas e diversas formas de amor, enquanto sua língua alemã, pelo contrário, foca apenas no que há de comum aos diversos “amores”.

Os gregos, os romanos e mesmo as línguas modernas derivadas do latim, dispõem efetivamente de um grande número de substantivos para designar as múltiplas facetas do fenômeno amor, ao passo que a própria língua alemã é carente: vê-se obrigada a designar realidades diversas por *Liebe*. Assim usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho [...], ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher (PIEPER, 1992, p. 253).

E chega a uma formulação-síntese, comum a todas as formas de amor. Amar é aprovação, é pôr-se diante do amado e dizer: “Que bom que você existe”, “Que bom, que maravilha que você esteja no mundo” (PIEPER, 1992, p. 254).

Um passo adiante será dado por Lauand. Não podemos esquecer que as experiências amorosas dão-se no chamado espaço intrasubjetivo, que diz respeito ao mundo interno e suas relações mais íntimas (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1789), sendo um abalo inexplicável (PIEPER, 2017) e, de certo modo, incontrolável: não é escolhido de modo totalmente ativo:

Pensemos em realidades tão relevantes como: a admiração, o enamoramento, o esquecimento etc. Nas minhas ações correspondentes, certamente eu as protagonizo, mas não como “sujeito ativo”, nem tampouco como meramente passivo... E tentamos suprir a forma clássica “voz média” pelo reflexivo ou pronominal: “Eu me admiro, ela se apaixonou, você se esqueceu...” *O fato de que nelas não somos sujeitos totalmente ativos, fica evidente quando vemos como seria ridículo tentar agendá-las (coisa que um sujeito ativo poderia muito bem programar): “Amanhã, às 15:40h irei ao supermercado, depois levarei o carro para lavar e às 17:15h vou me apaixonar...”*⁹ ou “daqui a 20 minutos vou me admirar e às 14:20h me esquecerei, terei uma inspiração artística, um êxtase místico etc.” (LAUAND, 2020, p. 59).

E quando não encontramos explicações para nossos sentimentos, a literatura e a poesia podem vir em nosso auxílio. Na clássica obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*¹⁰, o amor homossexual¹¹ é delicadamente apresentado (MEDEIROS, 2016). O abalo do amor (PIEPER, 2017) que não se escolhe, que não se explica, é narrado poeticamente pelo protagonista Riobaldo, quando a paixão por Reinaldo (Diadorim) explode em seu coração (MEDEIROS, 2016). “O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu” (ROSA, 1965, p. 236).

O amor incontrolável é descrito por Rosa, com poesia e primor (MEDEIROS, 2016).

Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino de feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da idéia. Diadorim – mesmo bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço; a lá, onde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? [...] Ele fosse mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo de singela conversação – por de trás de tantos bríos e armas? [...] eu descuidei, e falei: _ ... Meu bem, estivesse dia claro., e eu pudesse espiar a cor de seus olhos... _;

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ A Rede Globo de Televisão exibiu o seriado inspirado no livro: *Grande Sertão: Veredas*. O amor entre dois jagunços foi representado por Tony Ramos (Riobaldo) e Bruna Lombardi (Reinaldo) – Som Livre – Globo Marcas – 04 DVDs - 2009

¹¹ Ainda que no final o protagonista, descobre que Reinaldo é na verdade Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins (ROSA, 2006, p. 599 – 604).

disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente [...] Diadorim se pôs pra trás, só assustado. _ O senhor não fala sério! [...] Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. (ROSA, 2006, p. 576-577).

Segundo o filósofo Josef Pieper, a poesia e filosofia são livres (PIEPER, 2007, p. 17-19). Neste sentido, exercendo a “liberdade” filosófica, o saber livre, Riobaldo se sentia “alforriado”, libertado, deixando seu corpo querer o Reinaldo. Na liberdade de pensamento e sentimento, o personagem de Guimarães Rosa foi abalado pela beleza, por uma paixão, por um desejo, e teve um encontro com o maravilhoso, uma experiência que o abalou (MEDEIROS, 2016). Como diz Adélia Prado, “a beleza é uma experiência, não um discurso” (*Apud* PRADO, LAUAND; CASTRO, 2011, p. 34).

Clara tem 41 anos e Manuela tem 25 anos

Sobre a escolha de viverem juntas, Manuela relatou que a situação fez com que elas morassem juntas, após seis meses de namoro. Indicaram que a mãe de Manuela reagiu “super bem” ao saber do relacionamento, ao contrário de Clara que experimentou uma reação negativa dos familiares, haja vista estar saindo de um relacionamento e assumindo sua orientação sexual. Ela já havia tentado assumir-se homossexual aos 18 anos, tendo apanhado da irmã e da mãe (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1796).

Como no relato de Clara, que foi casada, tendo inclusive um filho de 15 anos, o que se vê é que nem as agressões, nem o tempo, nem o filho, aplacaram o desejo e o amor por Manuela, sua companheira (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1796).

Considerações finais

Eu acredito que não tenha nenhum momento em que eu tenha percebido e sim momentos em que eu pensava que eu sempre fui lésbica. Desde sempre eu percebi que tinha algo diferente em mim [...] Ao longo do meu crescimento fui percebendo que, talvez, eu realmente gostasse de meninas, porém, como eu não tinha nenhuma referência, não soube identificar que esse sentimento era realmente amor. Foi entre a passagem do 9º ano para o Ensino Médio que eu percebi que eu realmente amava mulheres¹².

A expressão “*opção sexual*” erroneamente denota que a homoafetividade seria uma escolha. Engano, falácia. Ninguém escolhe ser homossexual, como ninguém escolhe ser heterossexual, as pessoas simplesmente o são. “A gente é gay desde quando a gente nasce, mas às vezes você reluta” (OLIVEIRA; SEI, 2018, p. 1794). O amor simplesmente acontece. Para se viver a homoafetividade, ou seja, *ser o que se é*, tem que ter muita coragem.

¹² Depoimento de uma ex. aluna do Júlio Verne, L.R.C. que decidiu contribuir com nossa pesquisa.

Diadorim [Reinaldo] e eu [Riobaldo], nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme (ROSA, 2006, p. 502).

Não existe “o modo” verdadeiro de amar. Amor em todas as suas formas é amor. Seja homossexual ou heterossexual, simplesmente se ama. Afinal, o amor sempre vence o preconceito e ultrapassa os obstáculos e as barreiras. O amor gay, o amor *LGBTQIA+*, é amor. Como já falamos, não é opção, não é doença, não necessita de cura.

Uma das situações mais difíceis para quem decide viver sua homoafetividade, é a luta diária contra preconceitos. Preconceitos que levam pessoas a agredirem os homossexuais verbal, psicológica e até fisicamente.

Com relação ao meu ciclo de amizades, com certeza mudou. Muitos dos meus amigos quando souberam do meu relacionamento com outra garota, demonstraram apoiar e disseram que nada mudaria que continuaríamos sendo amigos, independente de qualquer coisa. Porém na realidade não foi assim. Muitos se afastaram¹³.

De certa forma não são os homossexuais ou os heterossexuais o problema, são os tabus e preconceitos que envenenam tudo. O amor é incontrolável (LAUAND, 2020, p. 59). “Amor é só Amor” (ROSA, 2001, p. 160). Amor não se escolhe, apenas se aceita vivê-lo em toda sua força, sem medo.

Assim diz Riobaldo sobre essa força:

Ao que Diadorim [Reinaldo] me deu a mão, que malamal aceitei [...] E de repente eu estava gostando dele, num descomum, gostando ainda mais do que antes, com meu coração nos pés, por pisável; e dêle o tempo todo eu tinha gostado. Amor que amei – daí então acreditei (ROSA, 1965, p. 182).

Referências bibliográficas

GASPARETTO, Zibia. *O amor venceu*, São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora, 2004

GLOBO, Rede Globo de Televisão - Seriado inspirado no livro: *Grande Sertão: Veredas* – uma produção de 1985 - Som Livre – Globo Marcas – 04 DVDs – 2009

GLOBO NEWS, *Favela Gay* – Série Documental produzida por Cacá Diegues numa parceria com o Canal Brasil – disponível na Globoplay – 2014

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G., *Filosofia e Educação: Universidade.*, São Paulo/SP: Factash Editora, 2011

¹³ Depoimento de uma ex. aluna do Júlio Verne, L.R.C. que decidiu contribuir com nossa pesquisa.

LAUAND, Jean. *Voz média - Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas (notas de conferência para pais e professores do Colégio Luterano São Paulo, 13-08-19)* – Revista International Studies Coepta 2020 - Cemoroc-Feusp/IJI - Univ. do Porto / Colégio Luterano São Paulo, 2020

MEDEIROS, Alexandre. *Riobaldo, filósofo: uma análise do discurso do personagem de Guimarães Rosa, a partir de Josef Pieper*, Revista Notandum – Vol. 40 jan-abr – páginas 57 até 68 - CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 2016

NAHAS Filho, Michel. *Deus, Sexo e Diversidade: relendo a Bíblia sem preconceitos*. São Paulo: Sexologia Brasil, 2015

MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*, São Paulo: Fonte Editorial, 2012

OLIVEIRA, Gustavo Chagas; SEI, Maíra Bonafé. *Vínculo Amoroso Homoafetivo e Psicanálise: Um Estudo Qualitativo*; Revista Trends in Psychology / Temas em Psicologia - DOI: 10.9788/TP2018.4-04Pt - ISSN 2358-1883 (edição online) - Ribeirão Preto, vol. 26, nº 4, p. 1787-1801 - Dezembro/2018

PIEPER, Josef, *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007

PIEPER, Josef. *O que é o Amor?* Tradução: Luiz Jean Lauand & Gabriele G. Bretzke - São Paulo/SP: Revista da FEUSP (páginas 253-263) – Edição julho/dezembro - 1992

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira, 2006

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Editora José Olympio, 4ª. Edição, 1965

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro/RJ: Editora Nova Fronteira, 2001

Recebido para publicação em 28-08-21; aceito em 11-10-21